

# A alegria de desaprender: apontamentos para a leitura de um capítulo de Rubem Alves<sup>1</sup>

*The joy of unlearning:  
notes for reading a chapter by Rubem Alves*

Breno Martins Campos

## Resumo

Estou a uma década de completar 60 anos de idade, portanto, segundo Tomiko Born, amiga de Rubem Alves, ainda não posso usar um *blazer vermelho* e, pior do que isso, ainda não posso todas as coisas. Por exemplo, não posso publicar um artigo sem nenhuma palavra, a fim de evidenciar a importância do silêncio, tanto na educação (elogio ao esquecimento) como na teologia (aproximação do Mistério). Em contrapartida, não quero me perder nas muitas letras que podem nos fazer delirar. O mundo contemporâneo convive com o excesso de informações e opiniões. O que eu quero é o espanto (admiração e susto) em face da vida e da leitura que empreendo do *corpus* bibliográfico alvesiano. Neste artigo, destaco o livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, notadamente o primeiro capítulo, intitulado “Desaprendendo”, para o qual construí apontamentos como chave de leitura. Portanto, em diálogo com Rubem Alves, desejo recorrer às palavras – é o que nos resta para acessar a Palavra – a fim de recompor o sentido próprio da experiência (aquilo que nos toca). Sonho, ainda, com a sapiência que nos permita desaprender o que nos foi ensinado. Os abismos estão aí, é preciso que nos lancemos neles.

**Palavras-chave:** Rubem Alves; Desaprender; Experiência; Sapiência; Palavra.

## Abstract

I am a decade away from turning 60, so, according to Tomiko Born, a friend of Rubem Alves, I still cannot wear a red blazer and, worse than that, I still cannot do everything. For example, I cannot publish an article without a single word to highlight the importance of silence, both in education (praise to oblivion) and in theology (approaching the Mystery). On the other hand, I do not want to get lost in the many letters that can make us delirious. The contemporary world coexists with an excess of information and opinions. I want astonishment (admiration and fright) in the face of life and the reading I undertake of Alves' bibliographic corpus. In this article, I highlight the book *The Poet, the Warrior, the Prophet*, notably the first chapter, “Desaprendendo” (“Unlearning”), for which I made notes as a reading key. Therefore, in dialogue with Rubem Alves, I want to resort to words – that is all we have left to access the Word – to recompose the very meaning of experience (what touches us). I still dream of the wisdom that allows us to unlearn what we have been taught. The abysses are there; we must throw ourselves into them.

**Keywords:** Rubem Alves; Unlearn; Experience; Wisdom; Word.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultante de estágio pós-doutoral, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob supervisão do Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior.

## Introdução

O título destes apontamentos – “A alegria de desaprender” – conduz a pessoa leitora a um jogo de palavras com um tema do mais elevado interesse de Rubem Alves e que se transformou, intencionalmente, no título de um de seus mais conhecidos livros na área da educação: *A alegria de ensinar*. A citação abaixo é um brevíssimo resumo dos arrazoados alvesianos (com destaque para o *saltar sobre o vazio*).

Quem dança com as ideias descobre que pensar é alegria. Se pensar lhe dá tristeza é porque você só sabe marchar, como soldados em ordem unida. Saltar sobre o vazio, pular de pico em pico. Não ter medo da queda. Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham. Todo conhecimento começa com o sonho.<sup>2</sup>

Não seria desajustado, ainda, que eu tivesse batizado meus apontamentos de “Conversas com quem gosta de desaprender”, propondo mais uma brincadeira linguística com outro dos livros de Rubem Alves na área da educação, *Conversas com quem gosta de ensinar*. Neste caso, a questão que move a reflexão do autor é das mais decisivas e relevantes, qual seja, o estatuto da pessoa educadora no mundo contemporâneo.

E é aqui que se encontra o problema: se não dispomos sequer de critérios para pensar institucionalmente a educação, como pensar o educador? *A formação do educador*: não existirá aqui uma profunda contradição? Plantar carvalhos? Como, se já se decidiu que somente eucaliptos sobreviverão?

Plantar tâmaras, para colher frutos daqui a cem anos?

O educador é um *ausente*. Nosso espaço funcional, gerenciado, torna possível falar sobre funcionários definidos pela instituição. Mas ele não permite que se fale sobre coisa alguma que se move num espaço definido pela liberdade. O educador tem, assim, o estatuto de um conceito *utópico, de existência prática proibida* e, por isto mesmo, *existência teórica impossível*. E é por isto que as ciências silenciaram sobre ele.<sup>3</sup>

São palavras de Rubem Alves – notemos bem, *palavras* – contra toda domesticação (engaiolamento) do pensar e do educar. Há a sustentação de um discurso e não a proposição de uma *greve de silêncio*, mas sempre na disposição de que as palavras se encontrem num espaço vital de liberdade construído e sustentado por elas mesmas (o caminho é de mão dupla).

Antecipo, portanto, que meus apontamentos são acerca do “Capítulo I – Desaprendendo” do livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, de Rubem Alves. É no “Capítulo II – Silêncio” que ele faz, como o título indica, uma apologia do silêncio. Numa apropriação de Søren Kierkegaard, afirma: “a verdade é essencialmente um segredo.”<sup>4</sup> Em todo caso, se eu assumisse, aqui, o caminho da apologia do silêncio, meus apontamentos teriam de ser outros, mas nem me sinto preparado para isso.

Entretanto, é preciso avançar com calma, pois, antes de tudo (e de acordo com o escopo deste artigo), quero introduzir uma discussão paralela à obra do próprio Rubem Alves. Além disso, no desenrolar dos argumentos, preciso que meus apontamentos migrem do campo da *educação* para o da *teologia* – mesmo que, por óbvio, um não exclua o outro.

Metodologicamente, não me atrevo a pedir desculpas pelo tom pessoal deste artigo, pois foi pensado e escrito sob inspiração alvesiana. No campo da sociologia, aprendi com Charles Wright Mills a não separar minha vida pessoal de minha vida de pesquisador.<sup>5</sup> Não me parece surpreendente, portanto, certa admiração de Rubem Alves por Mills, a quem considerava um sociólogo sábio e que comparou nossa civilização com uma galera<sup>6</sup> a navegar pelos mares (assim como fizeram vários poetas).

<sup>2</sup> ALVES, R., *A alegria de ensinar*, p. 94.

<sup>3</sup> ALVES, R., *Conversas com quem gosta de ensinar*, p. 20.

<sup>4</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 35.

<sup>5</sup> MILLS, C. W., *A imaginação sociológica*, p. 211-213.

<sup>6</sup> Como neste artigo as palavras importam, não me furto de registrar algo inusitado: o editor de texto que utilizo marca a expressão “uma galera” (embarcação) no meu texto e sugere que eu evite gírias na escrita formal, sugerindo, como alternativa, a expressão “um pessoal”.

C. Wright Mills comparou a situação dos cientistas à dos remadores, no porão de uma galera. Todos estão suados de tanto remar e se congratulam uns com os outros pela velocidade que conseguem imprimir ao barco. Há apenas um problema: ninguém sabe para onde vai o barco, e muitos evitam a pergunta alegando que este problema está fora da alçada de sua competência.<sup>7</sup>

Uma metáfora para mostrar que se multiplicam “os meios técnicos e científicos a nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas, mas não temos ideia alguma de ‘para onde’ navegamos.”<sup>8</sup> Assim, para percorrer com certa dose de segurança os caminhos propostos – de modo particular, com uma boa medida de saber para onde quero ir com estes apontamentos –, proponho uma pesquisa qualitativa quanto aos procedimentos, uma vez que a compreensão do assunto em sua profundidade tem proeminência em relação a seu controle e extensão – o que é muito próprio das Ciências da Religião e da Teologia.

## 1. Sobre a experiência

A característica prosaica da vida contemporânea, que nos arrasta para uma forma meramente utilitária de existir, retira de nós (sujeitos, comunidades, sociedades, humanidade) a capacidade de nos espantarmos. Chegamos a tal ponto que a admiração, a paixão, a festa, dentre outras experiências afins, têm se tornado uma espécie de contracorrente poética diante da hegemonia do prosaico, haja vista terem sido exiladas do cotidiano. Foi de Edgar Morin, no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*,<sup>9</sup> que extraí essas ideias e também algumas das expressões que abrem esta seção de minha discussão. Depois de mais de 20 anos da publicação original do livro, em 1999, sob os auspícios da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o futuro discutido por Morin se faz presente – ou, quem sabe, até já tenha passado. Dada a velocidade que a lógica do banal impõe à vida cotidiana, estamos a nos afastar da *experiência*.

Em julho de 2001, portanto, há mais de 20 anos, participando do “I Seminário Internacional de Educação de Campinas”, tive a oportunidade de assistir à conferência “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, proferida pelo filósofo espanhol Jorge Larrosa Bondía. Confesso que fiquei espantado, tanto no sentido de *admiração* (pela forma e conteúdo da mensagem) como no de *susto* ou *alerta* (pois as palavras foram também um convite à decisão). Naquela ocasião, o referido “I Seminário...” se deu de modo concomitante e em parceria com o tradicional “Congresso de Leitura do Brasil (COLE)”, em sua 13ª edição. A respeito dos dois eventos, acolhidos pela cidade de Campinas por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação (SME) e da Associação de Leitura do Brasil (ABL), e sediados pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), escreveu o então prefeito da cidade, o arquiteto, urbanista e educador Antônio da Costa Santos, o Toninho:

Gostaria de salientar a postura ética dos eventos, que se pautam pela luta contra toda espécie de exclusão social. Eles se colocam contra as práticas educativas e de leitura utilizadas como instrumentos de segregação de crianças, jovens e adultos. Denunciam a violência que ocorre quando contingentes de estudantes passam pela escola e dela são, por meios mais ou menos sutis, convidados a se retirar, tornando-se cada vez mais despreparados e mesmo desprotegidos numa sociedade em que as leis de mercado são implacáveis.<sup>10</sup>

O prefeito Toninho foi violentamente assassinado pouco tempo depois, aos 10 de setembro de 2001. Enquanto Campinas vivia a experiência local (com desdobramentos nacionais) de se despedir com afeto de um prefeito que encheu de esperança a cidade, aos 11 de setembro de 2001, globalmente, o mundo assistia espantado, ou seja, com susto e medo, aos atentados contra torres gêmeas do *World Trade Center*. Sobre a morte de Toninho, escreveu Rubem Alves: “Senti a dor da perda do Toninho. Ele

<sup>7</sup> ALVES, R., *Conversas com quem gosta de ensinar*, p. 112.

<sup>8</sup> ALVES, R., *Entre a ciência e a sapiência*, p. 75.

<sup>9</sup> MORIN, E., *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 72-74.

<sup>10</sup> SANTOS, A. C., *Educação, leitura e arte para uma cidade mais solidária*, p. 12.

era um homem manso que sonhava coisas bonitas para Campinas.”<sup>11</sup> Toninho havia sido professor de Raquel Nopper Alves, filha de Rubem Alves, na Faculdade de Arquitetura da PUC-Campinas.

Indiretamente, um legado deixado pelo prefeito Toninho, o texto da conferência de Larrosa foi lançado no Brasil em ocasiões e meios diferentes, de modo que é muito fácil ter acesso a ele. Faço menção a três delas, que são as que conheço. A primeira delas circulou durante o próprio “I Seminário...”, na forma de boletim (ou jornal), distribuído às pessoas participantes no evento.<sup>12</sup> No ano seguinte (2002), o mesmo texto foi publicado em forma de artigo científico na *Revista Brasileira de Educação*.<sup>13</sup> De minha parte, a edição que utilizo se encontra na forma de capítulo de livro, de 2004, justamente porque tenho um exemplar e posso carregá-lo comigo, por conseguinte, estou com ele sempre por perto e ao alcance das mãos e dos olhos.<sup>14</sup> Posso garantir que meu espanto se renova a cada leitura, porque a conferência de Larrosa, pela sua admirável pertinência, fica cada vez mais assustadora e assombrosa. Imagino que poucas pessoas consigam permanecer impassíveis quando confrontadas com a seguinte constatação a respeito do conceito de *experiência*: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.”<sup>15</sup>

Na conta de Larrosa (ao mesmo tempo, empírica e epistemológica) são quatro os imperativos da vida cotidiana que nos afastam da experiência: excesso de informação, de opinião, de trabalho e falta de tempo. Tudo se passa e nada nos acontece. Mais grave, tudo se passa para que nada nos aconteça. Embora desnecessário, faço questão de lembrar que, em 2001, vivíamos sem nossos *smartphones* e, portanto, sem acesso individual e imediato à *Internet*. Em nosso tempo, que é, por exemplo, o futuro no livro de Morin, considero não existir exemplo mais gritante do que o dos *smartphones* para ilustrar a maquinaria dos imperativos que nos impedem a experiência. Reitero: como estamos nessa *rede (web)* há um bom tempo, o futuro que Morin apresenta já é passado – pelo menos, em parte.

O que penso (e também experimento) a respeito dos *smartphones* torna ainda mais espantosa aquela minha experiência (sim, porque fui *tocado, afetado*) ao ouvir a conferência de Larrosa – e, depois, ao ler e reler seu texto –, pois, ao tratar de questões de uma época específica (a viragem do século XX para o XXI), o filósofo espanhol apontou e discutiu características que só se intensificaram com o passar dos anos. Para reforçar o argumento, cito nossa obsessão por informações seguida da obrigação de opinarmos a respeito de todas elas – e com o agravante de, agora, tudo estar à disposição, na palma de nossas mãos.

Gostaria de *ter mais tempo* para poder acompanhar a trajetória das ideias e dos conceitos de Larrosa, por outras de suas obras (de 2001 em diante), e saber o que ele pensa das tecnologias da comunicação e da informação que constroem e sustentam um verdadeiro universo de redes sociais digitais, com suas postagens (*posts*), textões e textinhos, vídeos curtos e longos, *likes* e *dislikes*, *memes*, *curtidas*, *figurinhas* etc. Mesmo que dispusesse do tempo necessário para isso, o espaço para a publicização dos resultados teria de ser diferente, pois nestes apontamentos é outro o autor que *nos toca* mais diretamente.

## 2. Sobre o desaprender

Assim, podemos nos aproximar do primeiro capítulo do livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, de Rubem Alves,<sup>16</sup> cujo título – “Desaprendendo” – é mesmo de causar espanto (admiração ou susto), uma vez que escapa de nossas categorias mais familiares ou naturalizadas. Talvez pelo desconforto, tive dificuldade, por muitos anos, para dar continuidade à leitura do livro *O poeta, o guerreiro, o profeta* – iniciada muitas vezes. Por apropriação alegórica do texto dos evangelhos (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39), entendo que *nossos demônios* precisam ser conhecidos pelo nome, se quisermos exorcizá-los ou, no mínimo, mantê-los sob controle. No encontro com um possesso (ou dois, a depender do

<sup>11</sup> ALVES, R., Mansamente pastam as ovelhas.

<sup>12</sup> LARROSA BONDÍA, J., Notas sobre a experiência e o saber da experiência.

<sup>13</sup> LARROSA BONDÍA, J., Notas sobre a experiência e o saber da experiência, p. 20-28.

<sup>14</sup> LARROSA, J., Notas sobre a experiência e o saber da experiência, p. 113-132.

<sup>15</sup> LARROSA J., Notas sobre a experiência e o saber de experiência, p. 116.

<sup>16</sup> ALVES, R., O poeta, o guerreiro, o profeta, p. 7-23.

evangelho), “Jesus lhe dizia: ‘Sai deste homem, espírito impuro!’ Ele o interrogava: ‘Qual é o teu nome?’ Ele lhe respondeu: ‘Meu nome é Legião, pois somos numerosos’” (Mc 5,8-9).<sup>17</sup>

Em minhas andanças pelas trilhas, encruzilhadas e becos sem saída do *corpus* bibliográfico alvesiano – com objetivos de classificar e catalogar, enfim, nomear a obra de Rubem Alves –, tenho me apropriado do livro *A teologia de Rubem Alves*: poesia, brincadeira e erotismo, de Leopoldo Cervantes-Ortiz,<sup>18</sup> que considero uma espécie de *biobibliografia* que cumpre a função de localizar os produtos na história de vida do autor. Para ilustrar meu argumento e, principalmente, o manejo que faço da bibliografia alvesiana, cito Morin, num livro marcado por elementos autobiográficos e cujo título (*Meus demônios*) não poderia ser mais adequado: “Minha vida intelectual é inseparável de minha vida, como escrevi em *La Méthode: Não escrevo de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida*. [...] Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida.”<sup>19</sup>

Parece-me acertado, portanto, que *conhecer* e *categorizar* produzem, ao menos, uma sensação de segurança. Todavia, por maiores que sejam os esforços, é impossível domesticar e engaiolar o pensamento de um pássaro selvagem/encantado, voando sempre ao sabor do vento/espírito. “O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes nem de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8). Em sua história de vida, Rubem Alves sempre admitia que foi um *furacão* – Richard (Dick) Shaull – quem o livrou das cadeias do fundamentalismo. A metáfora é mesmo muito apropriada.<sup>20</sup>

No ensaio “O idioma analítico de John Wilkins,” Jorge Luis Borges aponta que “não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjectural,”<sup>21</sup> como consequência, categorizar talvez não seja tarefa própria para nós, seres humanos, embora tentemos fazer isso o tempo todo. Definições e outras ações semelhantes pertenceriam somente, segundo o ensaísta argentino, às sinónimas do “secreto dicionário de Deus.”<sup>22</sup> Entretanto, “a impossibilidade de penetrar o esquema divino do universo não pode [...] dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, mesmo sabendo que eles são provisórios.”<sup>23</sup>

Adentremos, então, com cuidado, no reino das provisoriiedades. Na seção “Uma proposta de periodização do itinerário de R. Alves”, classifica as obras alvesianas de 1982 em diante como as do sexto e último período do autor (pelo menos, até o momento da publicação do livro *A teologia de Rubem Alves*):

(...) período das “realizações”, obras que, a partir, sobretudo, de *Creio na ressurreição do corpo* (1982), já manifestam uma clara definição do novo modo teológico de pensar. O que no período anterior [1975-1982] era somente busca e intuição manifesta-se em concreções muito próximas da literatura, pela conjunção de elementos simbólicos, poéticos, teológicos, religiosos e autobiográficos. Os mesmos temas anteriores são trabalhados em peças ensaísticas pequenas, muito livres, as chamadas *crônicas*, que constituem a forma privilegiada de expressão a partir de 1983. Tudo isso ocorre juntamente com um pequena negação paradoxal de que tais textos sejam exercícios teológicos.<sup>24</sup>

Do início dos anos 1990 – dentro do período das *realizações*, portanto –, o livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, a meu ver, traz uma marca de inflexão no pensamento e obra de Rubem Alves, o da abertura para a *teopoética* (não me interessando, até por falta de competência, discutir, se foi ele quem cunhou a categoria). O que me importa mais é o uso que Rubem Alves deu a ela.

A teologia deseja ser ciência, um discurso sem interstícios.  
Ela deseja ter os seus pássaros em gaiolas.  
Ao invés disto, *Teo-poética*,

<sup>17</sup> Em respeito às opções teológicas e práticas religiosas de Rubem Alves, sempre envolvido com o ecumenismo e organizações ecumênicas no Brasil e no exterior, as citações da Bíblia nestes meus apontamentos são retiradas da Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB), com exceção dos excertos em que o texto bíblico esteja numa citação literal de Rubem Alves.

<sup>18</sup> CERVANTES-ORTIZ, L., *A teologia de Rubem Alves*, p. 43-47.

<sup>19</sup> MORIN, E., *Meus demônios*, p. 9.

<sup>20</sup> ALVES, R., *O Deus do furacão*, p. 19-24.

<sup>21</sup> BORGES, J. L., *O idioma analítico de John Wilkins*, p. 94.

<sup>22</sup> BORGES, J. L., *O idioma analítico de John Wilkins*, p. 95.

<sup>23</sup> BORGES, J. L., *O idioma analítico de John Wilkins*, p. 95.

<sup>24</sup> CERVANTES-ORTIZ, L., *A teologia de Rubem Alves*, p. 46-47.

gaiolas vazias,  
palavras que nascem do vazio, que se dizem perante o vazio, o mar profundo (nossos olhos olham para cima esperando a luz que se fratura através das águas inquietas...), bosques fundos (se tivermos paciência poderemos ouvir o canto do pássaro encantado que mora lá e que, no entanto, jamais foi visto por qualquer pessoa...), catedral silenciosa onde nossos pensamentos ficam leves e saltam abismos...<sup>25</sup>

Ao falarmos de saltar em abismo, chegamos ao fascínio primeiro que Rubem Alves narra no livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*: a aranha ao tecer sua teia. Trata-se de uma característica de todas as aranhas, é bem verdade, mas a da estória alvesiana, aquela que levou Rubem Alves a refletir diante do espanto, dividia com ele o escritório de trabalho. Podia ela contar somente com uma coisa para sua obra: “um fio, ainda escondido dentro de seu corpo. E então, repentinamente, um salto sobre o abismo, e um universo começa a ser criado...”<sup>26</sup> De repente, o ordinário (prosaico) se transforma em extraordinário (poético). Traz-se à existência o que antes não havia – pela capacidade de ouvir o silêncio e de enxergar coisas que ainda não são.

De fato, vários dos escritos alvesianos em estilo de crônicas ou histórias infantis passaram a ser lugares privilegiados de expressão legítima de uma aproximação contemplativa entre poesia e mística, que caracteriza a teopoética do autor; belos textos que revelam também a atenção para os sinais atuais da realidade definitiva, que são motivos de esperança, sinais de transcendência.<sup>27</sup>

A aranha salta no abismo, sabemos que por programação genética, instintiva ou natural, mas não importa, interessa nossa recepção de seu ato. “Acho que a aranha me fez pensar”, escreveu Rubem Alves, “por ser ela uma metáfora de mim mesmo. Eu também quero construir uma teia sobre o vazio.”<sup>28</sup> Com que material? Algo ainda mais etéreo do que o fio, a palavra. É magia, mas é também poesia, a construção pela palavra, aquela que se diz como num pulo no abismo, aquela que traz à luz coisas nunca dantes existentes. “*Creatio ex nihilo* – criação que emerge do nada.”<sup>29</sup>

Noutro livro do mesmo período da vida e obra do autor, intitulado *Poesia, profecia, magia*: meditações – do qual *O poeta, o guerreiro, o profeta* é um parente próximo –, Rubem Alves afirma: “Magia. Poesia. No fundo, a mesma coisa. Palavras que *fazem* coisas. Palavras que *são* coisas. O mundo fica diferente. E os cenários mudos viram sacramento, extensões do corpo, carne da minha carne, habitações de sorrisos.”<sup>30</sup> A Palavra, que é o começo do mundo, brota do silêncio, o que é muito diferente das “palavras que crescem a partir de dez mil coisas e [das] palavras que crescem a partir das outras palavras. O seu número não tem fim.”<sup>31</sup> De volta ao início de meus apontamentos, o excesso de informações e opiniões nos insere no domínio das palavras que não dão a pensar, não fazem ato e nos afastam da Palavra criadora.

### 3. Sobre a sapiência

Na verdade, “a palavra se defronta conosco como um corpo; o Verbo se encarna. E, de agora em diante, por toda a eternidade, fica terminantemente proibido pensar na palavra separada da vida, da mesma forma que está interditado separar a alma do corpo.”<sup>32</sup> Mais uma vez, podemos nos reaproximar do evangelho: “No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no início, voltado para Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada se fez do que foi feito” (Jo,1.1-3). Para Rubem Alves, o fascínio tem a ver com aquilo que não se vê e só se pode imaginar.<sup>33</sup>

<sup>25</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 94.

<sup>26</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 8.

<sup>27</sup> CAMPOS, B. M.; MARIANI, C. M. C. B., *Lições do abismo*, p. 477.

<sup>28</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 8.

<sup>29</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 9.

<sup>30</sup> ALVES, R., *Poesia, profecia, magia*, p. 9.

<sup>31</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 9.

<sup>32</sup> ALVES, R., *Variações sobre a vida e a morte*, p. 86.

<sup>33</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 8.

Autor caro a Rubem Alves, T. S. Eliot observa que, frente às consequências da modernidade em seu próprio tempo, os últimos 20 séculos nos trouxeram saberes e técnicas como nunca, mas nos fizeram perder – podemos parafrasear – a *experiência que, de fato, nos toca ou nos acontece*.

(...)  
O infinito ciclo da ideia e da ação,  
Infinita invenção, experiência infinita,  
Traz o conhecimento do voo, mas não o do repouso;  
O conhecimento da fala, mas não o do silêncio;  
O conhecimento das palavras e a ignorância do Verbo.  
Todo o nosso conhecimento nos aproxima da ignorância,  
Toda a nossa ignorância nos avizinha da morte,  
Mas a iminência da morte nos acerca de DEUS.  
Onde a vida que perdemos quando vivos?  
Onde a sabedoria que perdemos no saber?  
Onde o conhecimento que perdemos na informação?  
Os ciclos do Céu em vinte séculos  
Afastaram-nos de DEUS e do PÓ nos acercaram.<sup>34</sup>

Imagino que para recuperarmos a experiência – e superarmos sua mera representação na forma de acontecimentos estendidos ao infinito – seja necessário o salto no abismo antes de qualquer fixação do fio, o silêncio primordial antes de qualquer palavra proferida e uma revolução radical quanto aos valores de nossos tempos. Não por acaso, a primeira epígrafe do capítulo “Desaprendendo”, de Rubem Alves, é o texto de 1 Coríntios 1,27-28 (e isso faz toda diferença): “Mas Deus escolheu aquilo que no mundo é louco, até mesmo as coisas que não são, para reduzir a nada as coisas que são”.

Segundo Rubem Alves, à humanidade na contemporaneidade parece mais fácil a demitologização do que acreditar que “a Palavra possa criar universos, engravidar virgens e ressuscitar mortos.”<sup>35</sup> Assim, as palavras, outrora boas para o corpo, tornam-se boas somente ao pensamento. A teologia, que vive o tempo todo na fronteira dialógica da palavra com o silêncio, não pode fazer mal ao corpo, sob o pretexto de estar fazendo bem à alma. Já indicamos que, na lógica do prosaico, tanto mais valor tem a palavra quanto mais possa ela nos levar a outros lugares – na condição de ferramenta, utensílio, instrumento –, como no método científico, por exemplo, por meio do qual perguntas são respondidas e verdades (ainda que provisórias) são construídas. “Quando o pensamento parece assassinado, pode-se ter a certeza de que o criminoso foi uma conclusão.”<sup>36</sup>

Entretanto, as palavras podem também ser fruídas (em si mesmas) e não somente utilizadas como pontes para um lugar outro. “Começo a me entender. Começo a compreender a metamorfose que me aconteceu. Não mais lido com as palavras como ‘coisas a serem usadas’. Lido com elas como ‘coisas a serem gozadas’. Não sou mais um professor.”<sup>37</sup> Pelo menos, não no sentido tradicional daquele que lê um texto escrito e profere uma lição em que as palavras já têm um destino predeterminado. “As palavras que são boas para o corpo não são boas para o pensamento.”<sup>38</sup> O professor e a professora não podem deixar morrer a feiticeira e a exorcista que existem dentro de si.

Nessa nova fase, “cada preleção [minha] é um jantar, uma celebração eucarística, uma festa de Babette. ‘Tomai, comei, bebei, isto é o meu corpo, isto é o meu sangue’. Eucaristia: palavras de carne e sangue...”<sup>39</sup> Conhecemos de cor a estória: no conto *A festa de Babette*<sup>40</sup> e, depois, no filme,<sup>41</sup> a protagonista da história gasta todo o valor de seu prêmio na loteria para oferecer um jantar-fruição às pessoas convidadas.

<sup>34</sup> ELIOT, T. S., Poesia, p. 175. Pelo que me consta, a peça dramática “A rocha”, cujos versos acima fazem parte do primeiro dos coros, foi encenada em 1934 na cidade de Londres.

<sup>35</sup> ALVES, R., Poesia, profecia, magia, p. 22.

<sup>36</sup> ALVES, R., O poeta, o guerreiro, o profeta, p. 15.

<sup>37</sup> ALVES, R., O poeta, o guerreiro, o profeta, p. 15.

<sup>38</sup> ALVES, R., Poesia, profecia, magia, p. 21.

<sup>39</sup> ALVES, R., Poesia, profecia, magia, p. 9.

<sup>40</sup> BLIXEN, K., A festa de Babette, p. 40-45.

<sup>41</sup> A FESTA de Babette.

Ao comer juntos transformam-se em “companheiros” que, etimologicamente, quer dizer: “aqueles que comem juntos o mesmo pão”. O propósito de um jantar não é o fim pragmático da alimentação e dos prazeres do paladar. O que se espera é que o ato de comer juntos se torne numa ocasião de companheirismo, de amizade. Os hóspedes assimilam a comida. O ritual assimila os hóspedes... Como na festa de Babette...<sup>42</sup>

Algumas palavras são irmãs do vinho: “Elas se apossam do corpo, e para isto não pedem licença para a clareza, nem para a epistemologia, nem para a teologia, nem para a ortodoxia.”<sup>43</sup> Deus não se fez palavra – assertiva que faz desmorrar todo e qualquer edifício fundamentalista –, mas a Palavra se fez carne, tornou-se corpo, humanizou-se. Daí que, para Rubem Alves, um dos nomes de Deus é *fascínio* (permitam-me, *espanto*), “o maior de todos, que faz o corpo voar”<sup>44</sup> – condição necessária para saltarmos no abismo.

Talvez por questão de idade e de experiência de vida e profissional, o capítulo “Desaprendendo” de Rubem Alves está envolto numa moldura *barthesiana*, pois começa com Roland Barthes (segunda epígrafe) e termina também com ele. Para *desaprender*, Barthes propõe a seguinte nota – em *Leçon* ou *Aula* inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977 –, que abarca tanto a epígrafe quanto a conclusão escolhidas por Rubem Alves:

Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível.<sup>45</sup>

Rubem Alves assume que sua opinião se sobrepõe à de Barthes: “Eu não poderia ter encontrado palavras mais adequadas para exprimir minha verdade presente-provisória. E creio que elas exprimem a verdade do evangelho; é preciso permitir-se renascer, pelo poder imprevisível do Vento, a fim de entrar no Reino. É preciso que nos tornemos crianças de novo.”<sup>46</sup> A diferença que Rubem Alves acrescenta à discussão, a meu ver, é a ideia de que ele está em face de uma *verdade presente-provisória*. Enfatizo o caráter da provisoriidade assumida pelo autor na construção de sua obra àquela altura da vida pessoal e intelectual.

No capítulo seguinte do livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, intitulado “Silêncio”, de acordo com o conto “O afogado mais bonito do mundo”, de Gabriel García Márquez,<sup>47</sup> chega o corpo de um defunto a uma vila, que é transformada por ele, sem que diga nenhuma palavra – claro, estava morto. Sim, é preciso morrer para voltar a viver – o que é assunto para outros apontamentos.

## Conclusão

Algumas vezes ouvi Rubem Alves contando a *estória* do “blazer vermelho”, outras vezes, li a respeito dela, por exemplo, em suas crônicas publicadas no jornal *Correio Popular*, de Campinas-SP. Como base para minha citação na sequência, valho-me do livro *Navegando*, justamente no capítulo intitulado “O blazer vermelho”. Quando Rubem Alves completou 60 anos de idade – ou melhor, segundo ele mesmo, quando desfez 60 anos –, disse-lhe uma amiga, Tomiko Born, “que, no Japão, quando um homem faz sessenta anos, ele compra um blazer vermelho. Antes dessa idade ele não tem direito a essa cor – atributo dos deuses. Somente aos sessenta anos essa liberdade lhe é concedida. Quem tem permissão para usar vermelho tem permissão para tudo.”<sup>48</sup>

No meu caso, estou a 10 anos de poder usar um blazer vermelho, por conseguinte, ainda não tenho permissão para tudo. Por exemplo, teologicamente, não me sinto apto a escrever um artigo que proponha

<sup>42</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 17.

<sup>43</sup> ALVES, R., *Poesia, profecia, magia*, p. 20.

<sup>44</sup> ALVES, R., *Poesia, profecia, magia*, p. 20.

<sup>45</sup> BARTHES, R., *Aula*, p. 47.

<sup>46</sup> ALVES, R., *O poeta, o guerreiro, o profeta*, p. 23.

<sup>47</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, G., *O afogado mais bonito do mundo*, p. 45-53.

<sup>48</sup> ALVES, R., *Navegando*, p. 31.

somente o silêncio como forma de acessar o Mistério. Em contrapartida, também não quero me perder na verbosidade (excesso de opiniões e informações) que nos afasta da experiência. No campo da educação, já ensinei e ensino o que sei, também já comecei a ensinar o que não sei (no caso das pesquisas e das orientações) – e começo a flertar com o *desaprender*, às vezes, de propósito, em outas, sem querer mesmo.

O que eu quero para mim é cada vez mais ser um pastor de palavras. Num país, como o Brasil, em que a vocação para o pastorado e o exercício da profissão foram tão desgastados e até ridicularizados nos últimos tempos – não sem motivo, acrescento –, é preciso que *as palavras* pastor e pastora e o que elas carregam em si recuperem a potência de seu significado, isto é, daquilo que gera *experiência*.

Para tanto, recorro a Rubem Alves, numa de minhas passagens prediletas no conjunto de sua vasta obra:

Teólogo, pastor de palavras. Ele as apascenta com amor, porque sabe que elas vivem e sairão por aí, de boca em boca, fazendo coisas, quebrando feitiço, abrindo olhos que não enxergavam, fortalecendo joelhos fracos e trêmulos, dando coragem, desenhando horizontes... Sobretudo isto: desenhando horizontes: porque é lá que vivem as esperanças e é para lá que caminhamos...<sup>49</sup>

O que está em jogo, como afirma o título do livro do qual extraí a citação, são *variações sobre a vida e sobre a morte*. A teologia é um feitiço. “O que é feitiçaria? / No portal de entrada da feitiçaria se encontram escritas as palavras: ‘No princípio é a Palavra...’ / Feitiçaria é o mundo onde as palavras têm poder.”<sup>50</sup> A pessoa que é poeta, guerreira, profeta sabe bem disso. As palavras precisam de bons pastores e boas pastoras para que desenhem horizontes.

Na já mencionada coluna de opinião que Rubem Alves publicou quando o prefeito Toninho foi assassinado, ele escreveu: “Sinto dor pela morte do Toninho. Mas sinto uma dor maior por nós mesmos, porque o que aconteceu com o Toninho é um símbolo da condição de todos nós: somos ovelhas sem pastor, à mercê dos lobos.”<sup>51</sup> Os lobos de outrora e os de agora continuam à espreita. É urgente que *desaprendamos* o que nos ensinaram no Brasil dos últimos anos. Temos de voltar a ter pastores e pastoras com cajado – e não armas – nas mãos.

## Referências bibliográficas

A **FESTA de Babette**. Direção de Gabriel Axel. São Paulo: PlayArte, 2013. 1 DVD (102 min.).

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar (+) Qualidade total na educação**. São Paulo: Ars Poetica, 1995.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2015.

ALVES, R. **Lições de feitiçaria: meditações sobre a poesia**. São Paulo: Loyola, 2003.

ALVES, R. Mansamente pastam as ovelhas. **Folha de São Paulo**, São Paulo 12 set. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1209200109.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ALVES, R. **Navegando**. Campinas: Papirus, 2000.

ALVES, R. O Deus do furacão. In: **De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação**. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI; Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985. p. 19-24.

ALVES, R. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ALVES, R. **Poesia, profecia, magia: meditações**. Rio de Janeiro: CEDI; Tempo e Presença, 1983.

<sup>49</sup> ALVES, R., *Variações sobre a vida e a morte*, p. 88.

<sup>50</sup> ALVES, R., *Lições de feitiçaria*, p. 11. Este livro é uma republicação de **O poeta, o guerreiro, o profeta**, com algumas poucas variações, dentre elas, o acréscimo do “Prefácio – Feitiçaria”, do qual retirei a citação acima.

<sup>51</sup> ALVES, R., *Mansamente pastam as ovelhas*.

ALVES, R. **Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BARTHES, R. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1997.

**BÍBLIA**, Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BLIXEN, K. **A festa de Babette.** São Paulo: SESI, 2018.

BORGES, J. L. O idioma analítico de John Wilkins. In: BORGES, J. L. (Orgs.). **Outras inquisições.** São Paulo: Globo, 1999. p. 92-95. v. 2

CAMPOS, B. M.; MARIANI, C. M. C. B. Lições do abismo: reflexões sobre teologia, mística e poesia em Rubem Alves. **Estudos Teológicos**, v. 58, n. 2, p. 466-482, jun./dez. 2018. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/3106](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3106)>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CERVANTES-ORTIZ, L. **A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo.** Campinas: Papirus, 2005.

ELIOT, T. S. **Poesia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. O afogado mais bonito do mundo. In: GARCÍA MÁRQUEZ, G. **A incrível e triste história da cândida Erêndida e sua avó desalmada.** Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 45-53.

**INSTITUTO Rubem Alves.** A obra. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/rubem-alves-2/>. Acesso em: 8 jan. 2023.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Leituras SME**, Campinas, n. 4, jul. 2001.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F. (Orgs.). **Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-132.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MORIN, E. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

SANTOS, A. C. Educação, leitura e arte para uma cidade mais solidária. **Educação, leitura e participação**, Campinas, p. 12, jul. 2002.

**Breno Martins Campos**

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campinas/SP – Brasil

E-mail: [brenomartinscampos@gmail.com](mailto:brenomartinscampos@gmail.com)

Recebido em: 12/03/2023

Aprovado em: 22/05/2023